

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

GUMERCINDO ROCHA DOREA FILHO

**INCLUIR O "DIFERENTE" OU EDUCAR PARA A POTÊNCIA?
POSSÍVEIS ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO**

Matinhos/2022

GUMERCINDO ROCHA DOREA FILHO

**INCLUIR O "DIFERENTE" OU EDUCAR PARA A POTÊNCIA?
POSSÍVEIS ALTERNATIVAS PARA A EDUCAÇÃO**

TCC apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Mediadora: Profa. Dra. Francéli Brizolla

Matinhos, 25 de julho de 2022.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS À MINHA MEDIADORA E QUERIDA AMIGA FRANCÉLI BRIZOLLA, À TAMBÉM AMIGA JACQUELINE LOPES PELO APOIO, PARCERIA E PARTICIPAÇÃO CONSTANTE NESSE MEU PROJETO, ALÉM DAS NÃO MENOS AMIGAS INTEGRANTES DO COLETIVO DE APOIO, SAMYRA DE LOURDES STEPHAN E VALÉRIA BRESSIANINI, PELA ESCUTA ATENTA E APOIO!

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo problematizar o discurso e certa prática da inclusão social da chamada Pessoa com Deficiência na esfera da educação tendo como referência teórica a Filosofia da Diferença e a chamada Educação para a Potência, que vai ao encontro da possível criação de alternativas para a educação, não só pensando nas Pessoas com Deficiência, mas no processo de ensino-aprendizado como um todo. No plano empírico, será apresentado ainda o projeto, de minha autoria, cujo nome é Oficina da Palavra e da Escrita Criativa Todos na Diferença.

Palavras-chave: Inclusão social. Pessoa com deficiência. Filosofia da diferença. Escrita criativa. Alternativas para uma nova educação.

Sumário

Minha passagem pela ANE 3	7
Memorial	
Singularidades de um pai,.....	8
Ensino significativo	9
Reportagem especial	11
Os zapatistas e a ética da diferença	12
O nascimento de meu filho	14
Inclusão não adequada	16
O projeto em si	17
Formato alternativo de apresentação	20
Referências	23

MINHA PASSAGEM PELA ANE 3

Optei por embarcar na ANE 3, mesmo já tendo mestrado e doutorado, por conta do viés alternativo desse potente movimento que pensa em formas inovadoras de educação. Esse projeto não foi criado e muito menos começou a ser delineado na ANE 3. Porém, esse um ano e meio me ajudou a criar um corpo mais definido, incluindo a forma como o próprio projeto está sendo apresentado. A ANE 3 se transformou ainda em um espaço privilegiado para a organização de todas as minhas ideias sobre as reais possibilidades de conectar toda a minha trajetória de vida acadêmica e pessoal, não só como jornalista e sociólogo, mas sobretudo como pai educador de um jovem com a Síndrome de Down e pensador livre da Filosofia da Diferença.

Coincidência ou não, a Ane 3 aconteceu online em plena pandemia da COVID e, nesse mesmo contexto, o projeto de oficina de escrita Todos na Diferença que me propus a apresentar, no âmbito prático, como conclusão do curso, continuou a se prefigurar online. Criei o projeto, denominado hoje como Oficina da Palavra e da Escrita Criativa Todos na Diferença, em 2012. Nele, os participantes criaram suas próprias realidades a partir de textos autorais de diversos gêneros literários, sobretudo a poesia e a crônica.

Nesse projeto, desenvolvi toda uma praticidade empírica conectada à todas as referências teóricas também apresentadas nesse trabalho de conclusão de curso apresentado para ANE 3. Nesse sentido, só tenho a agradecer à equipe da ANE 3 por essa rara e inédita oportunidade, o de mostrar que é possível criar, na prática, alternativas para a educação no âmbito da inclusão escolar da chamada Pessoa com Deficiência.

Esse trabalho é muito mais do que um simples trabalho de conclusão de curso. Ele é resultado, não só de toda minha trajetória profissional como sociólogo, jornalista e, sobretudo, pensador livre da Filosofia da Diferença. Ele também é reflexo de meu percurso como pai educador de um jovem com a Síndrome de Down, que tantas alegrias, afeto e potência me proporcionou.

MEMORIAL

SINGULARIDADES DE UM PAI

A dificuldade de lidar, não só com a aprendizagem, mas também com o que chamarei nesse memorial de mito da normalidade, sempre esteve presente em minha existência. Desde criança, comecei a criar em mim mesmo um mundo à parte, onde o silêncio era o que mais me acompanhava em todos os lugares onde estava presente. Em torno de outras crianças e de suas alegres conversas e tagarelices, seja na escola ou na comunidade, a minha voz não poucas vezes se calava e o sentimento de impotência pairava no ar.

A incomunicabilidade, nesse contexto, passou a ser minha companheira cativa, tanto em minha trajetória acadêmica, como na vida. Com o tempo, inclusive a partir de terapias, fui me apoderando de mim mesmo e, aos poucos, comecei me conectar a distintos grupos, tanto os que mais se aproximavam de minha idade, ainda vivendo o mundo infantil, como também aos já considerados adolescentes. De volta ao mundo, novas brechas se abriram em minha frente.

Já entrando na vida adulta, uma pergunta rondou a minha mente: Se a escola fosse estruturada de outra forma, o mesmo ocorrendo com as relações sociais, talvez a minha realidade poderia ter sido outra? Como naquela época sequer era possível pensar nessa possibilidade, esse jeito calado de ser gerou, no período escolar, no que denominam hoje como dificuldade de aprendizagem e mesmo desvio de comportamento, justamente pela ausência de comunicação.

Na realidade, os professores não souberam lidar com esse modo de ser e toda aquela exigência conteudista sem significado algum fez com que o estudo se tornasse um fardo, no que me transformou no rotulado “aluno problema” ou “difícil”. Aprender todo aquele conteúdo em nada fazia sentido e, desde pelo menos os 15 anos, a minha conexão com o mundo passou a ser a música, sobretudo o rock. Para muitos, era estranho e muitas vezes inominável ver uma pessoa, extremamente calada, amante de uma música totalmente aberta ao mundo, contestadora e rebelde.

A minha vestimenta também entrou em sintonia com aquele ritmo. Cabelos compridos, calças desbotadas e um jeito desbocado de ser. Poucos se deram conta que era o meu desejo de me comunicar e de soltar a voz para uma realidade externa

que, era essa a minha percepção na época, não me compreendia. Alguns até interpretavam aquela introspecção, e talvez interpretem até hoje, como sinal de desinteresse pelo outro.

Quanto tempo eu passei envolvido com aquele som, que passava pelo fone de ouvido ou ecoava alto nos cantos de meu quarto e se espalhava pela casa. Aquele som caminhava ardentemente pelo meu corpo, revelando todo um mundo a ser desbravado e explorado. Aos poucos, comecei a me abrir e a conhecer outras pessoas que já sonhavam em mudar a realidade através da música. E como essa mesma realidade não me fazia bem, embarquei em um desejo subjetivo de mudança.

ENSINO SIGNIFICATIVO

Com tudo isso, foi no colegial (hoje ensino médio), que um professor de História despertou o meu interesse pelo estudo, fazendo com que aquela realidade externa e distante passasse a ter um significado diferente da enxurrada de conteúdos que a escola dizia ser essencial. A partir daí, entrar para a política estudantil se transformou em um trampolim para a vida, não no sentido de me adequar a ela e sim imaginando poder transformá-la.

Apesar disso, a dificuldade de aprender o que diziam ser importante e de fazer amigos permanecia e, de certa forma, permanece até hoje. As poucas amizades que conquistei até hoje são realmente legítimas. O ser calado, nesse contexto, me impulsionou à reflexão interna e ao aprender a escutar, mesmo tendo a nítida sensação de que não era escutado pelos outros. Também desenvolveu o meu gosto pela arte de escrever.

Voltando um pouco mais no tempo, quando eu cursava o intitulado ginásial, no Colégio Antonio Maria Zaccarias, no Rio de Janeiro, estávamos em plena ditadura militar. E o bairro do Catete, onde se localizava a escola, era o principal palco das manifestações dos estudantes. Quantas vezes, nós, as crianças, ficávamos impedidos de sair das imediações da escola devido às passeatas e à consequente repressão.

Aquilo ficou no meu imaginário e, me recordo muito bem que, já no colegial, ainda nos momentos finais da ditadura, os professores alertavam os alunos para não

se aproximar no centro da cidade de São Paulo, pois estava ocorrendo passeatas e era perigoso. O efeito em mim daquela solicitação foi o oposto. Em vários momentos, optei por participar *in loco* das manifestações contrárias à ditadura. Presenciei então tanques de guerra, soldados do exército com seus ferozes cães afugentando estudantes que participavam das passeatas e exigiam o fim definitivo do regime ditatorial.

Quando adolescente, portanto, meu interesse já era pelas grandes mudanças políticas e sociais, sempre pautada por uma certa rebeldia que se refletia no rock e nas músicas brasileiras de contestação política. No último ano do colegial, as exigências sociais trouxeram mais um desafio: senti o peso nas costas quando me foi perguntado que carreira profissional seguir.

Em um primeiro instante, por não saber o que fazer, escolhi fazer Administração de Empresa. Matemática, no entanto, não era o meu forte, o que me fez estacionar na disciplina de Contabilidade, ficando na malfadada recuperação. A forma pela qual ensinavam História também me levou a essa tal de prova definitiva.

Os professores, talvez tentando nos ajudar, propuseram um trabalho final em grupo antes da tão temida sabatina final. Foi aí que tomei uma decisão. Acertei com o grupo fazer o trabalho de História sozinho e colocar o nome deles. Era a única saída para não ter que estudar e realizar o trabalho de contabilidade, pois eles colocariam o meu nome. Não é preciso dizer que a proposta foi aceita e todos passaram de ano.

Descobri naquele instante que prova não provava nada. Resultado: desisti da faculdade de administração e parti para a de jornalismo, pois já sentia o interesse por escrever, sempre tendo em mente a transformação social. Foi, na prática, a maneira que encontrei para driblar a insistente dificuldade de me comunicar no âmbito pessoal e coletivo.

Chegando na metade do curso, cheguei à conclusão de que o conteúdo transmitido pela maioria dos professores não seria suficiente para os meus desejos enquanto futuro profissional da área. Inclusive, o professor da disciplina “Jornalismo Prático” dizia mais ou menos o seguinte em relação aos meus textos: “isso é literatura e não jornalismo”.

Aquela frase não me convencia, pois já pensava o jornalismo como muito mais do que aquelas simples regras básicas e elementares de como se desenvolver mecanicamente um texto jornalístico. Cheguei a me formar e a exercer a profissão

durante um tempo. No entanto, resolvi me preparar mais partindo para a faculdade de Ciências Sociais e, posteriormente, para o mestrado e doutorado nas áreas de Sociologia e Ciência Política.

REPORTAGEM ESPECIAL

Não deixando de continuar a exercer a profissão de redator de jornais, comecei a trilhar, como pesquisador, pelo instigante mundo das ciências sociais. Entre os anos 1989 e 1991, atuei como repórter e redator nas áreas de política, economia, comportamento social e relações internacionais no Jornal Metrô News, da cidade de São Paulo. Foi um verdadeiro laboratório de experimentações. Pelo menos uma pauta que o editor do jornal solicitou marcou a minha passagem pelo jornalismo.

Foi uma reportagem sobre a loucura, na qual critiquei, no âmbito da sociologia, a clássica fragmentação, defendida por Durkheim, entre normal e patológico. Em um primeiro momento, passei aproximadamente dois dias andando pelas ruas do centro da cidade de São Paulo para conversar, e não entrevistar, com homens e mulheres de rua. Descobri que a fronteira entre a chamada normalidade e a loucura é muito mais tênue do que podemos imaginar.

Após essa fase inicial da reportagem, desloquei-me para o hospital psiquiátrico do Juqueri, localizado no município de Franco da Rocha, na Grande São Paulo, agora sim para fazer uma cobertura sobre a situação calamitosa daquele hospício. Detectei, e isso não é novidade para ninguém, que eles haviam se transformado em depósitos inumanos dos que já eram concebidos pelo sistema capitalista como “degenerados” do sistema e, portanto, deveriam ser excluídos do nosso convívio, supostamente normal e civilizado.

Essa visão questionadora de mundo me levou ao mestrado tendo como parâmetro central a possibilidade dos chamados Sem Teto terem uma moradia digna para viver. Centrei-me então no tema não só da inclusão social, mas também na idéia de que apenas com a participação política e social seria possível mudar o mundo.

Já no doutorado, “Democracia Midiática e Sociedade de Controle”, realizado também na PUC-SP, realizei uma pesquisa sobre o discurso político da mídia, tendo

os pensadores da diferença, Gilles Deleuze e Félix Guattari, como referenciais teóricos. O objetivo desse projeto foi o de compreender como o telespectador pode estar à mercê de processos de captura por parte da televisão partindo do pressuposto de que a mídia tende a gerar o que Deleuze chamou por sociedade de controle, sendo necessário, para tanto, levar o indivíduo a se considerar incapaz de agir por conta própria na vida, carregando-o como possível presa fácil para os tentáculos de instituições ou organizações auto intituladas como representantes ou porta-vozes daqueles que não conseguem agir com autonomia própria.

OS ZAPATISTAS E A ÉTICA DA DIFERENÇA

Dando sequência a esse histórico de vida, chegamos na passagem de ano de 1994 para 1995 quando realizei, com um grupo de jornalistas alternativos, uma viagem para Chipas, sul do México e fronteira com a Guatemala. Desde o instante em que desembarquei pela primeira vez nesse instigante país que é o México, em nenhum momento deixei de acompanhar todo um pulsar político que, mesmo de longe, continuou a ecoar em meu modo de pensar a prática política nos dias de hoje, apesar do silêncio estratégico da mídia brasileira.

A inesperada e contagiante guerra deflagrada um ano antes pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) significou, na realidade, muito mais do que a simples proposição luta armada/tomada do poder de Estado, sendo essa dualidade vista, em grande parte da historiografia da esquerda revolucionária, como a única forma de encontrarmos no fim da linha o ideal, muitas vezes profético, do intitulado socialismo.

Contaram os mais velhos dos mais velhos que povoaram essas terras que os deuses maiores, os que nasceram o mundo, não pensavam todos da mesma maneira. Ou seja, não tinham o mesmo pensamento, cada um tinha o seu próprio pensamento e entre eles se respeitavam e escutavam (...). Dizem os mais velhos dos velhos que por isso o mundo saiu com muitas cores e formas.

Esse comunicado, que faz parte de um diálogo do subcomandante Marcos com o lendário Velho Antônio, lança um dos pilares básicos do que tratei em artigos publicados pelo Correio da Cidadania no ano de 2009. Afinal de contas, o que é ser

igual e diferente na sociedade contemporânea? Vejamos então o que esse diálogo tem a nos dizer:

O Velho Antônio me disse que perguntou aos velhos mais velhos como fizeram os deuses primeiros para entrar em um acordo e conversar, se eram tão diferentes os pensamentos que sentiam (...). E então os deuses ficaram calados porque perceberam que, quando cada um dizia 'os outros', estava falando de 'outros' diferentes. (...). Assim, o primeiro acordo realizado pelos deuses mais primeiros foi reconhecer a diferença e aceitar a existência do outro.

O que é então, nesse contexto, aceitar a diferença no outro? Segundo o que nos tem trazido o subcomandante, não se trata de homogeneizar as relações humanas e muito menos de se fechar em guetos intransponíveis no qual o outro passa a não existir mais. Não é, portanto, que todos tenham a mesma cor e forma. Para reconhecer e respeitar a existência do outro, nesse sentido, é preciso realmente escutar e tornar esse outro visível a nossos olhos, não mais o reconhecendo apenas quando suas palavras soam iguais às que "eu" quero ouvir. Não é produzir identidades fechadas, ávidas por criar estigmas a todo instante, escutando o outro somente para reafirmar superioridades frente aos negativamente rotulados como "diferentes".

O NASCIMENTO DE MEU FILHO

Toda essa trajetória, profissional e pessoal, veio ao encontro de um dos momentos mais marcantes de minha vida: o nascimento de meu filho Thiago. Ele nasceu no dia 22 de fevereiro de 1997 (um ano após o início do doutorado sobre mídia e política), com a Síndrome de Down, o que me direcionou não só para o dilema inclusão-exclusão, mas também e, sobretudo, para a tênue fronteira, histórica e cultural, entre a chamada normalidade e o seu contraponto, a anormalidade.

Na prática, não foi uma mudança radical e, muito menos, algum tipo de desvio em meu trajeto profissional e acadêmico já que, desde o começo de minha carreira, já havia uma preocupação muito grande com a exclusão social. Sempre tive em mente, bem antes de realizar uma vasta leitura sobre o tema, que a ideia de certas práticas de inclusão social não passava apenas pela simples adequação da pessoa

supostamente excluída em uma pretensa normalidade imposta, muitas vezes de uma forma autoritária, pela ciência e pelo nosso modo de vida dominante.

Diante de toda essa problemática, é que resolvi me dedicar a criar textos e, na medida do possível, participar de congressos e promover oficinas inclusivas para defender e divulgar o que costumo chamar de qualidade da inclusão social, além de me tornar professor de cursos de pós-graduação em cursos relacionados à intitulada educação inclusiva. Mais recentemente, inclusive, tenho substituindo a ideia de inclusão social de qualidade com o termo educação para potência, chegando a me aprofundar nessa terminologia no transcórper da ANE 3.

Fazer esse breve registro pelo caminho que percorri até chegar ao momento atual de minha vida acadêmica, profissional e pessoal significa, antes de tudo, retornar a um passado no qual sequer pensava em ser professor na área das Ciências Humanas. Esse memorial, portanto, não é sobre a Síndrome de Down e muito menos apenas sobre a inclusão da chamada Pessoa com Deficiência. É uma proposta não ortodoxa de como podemos conceber o que é ser igual e diferente na sociedade contemporânea, além de polemizar a clássica separação, cultural e histórica, que sempre fragmentou os seres humanos em modelos binários, tais como normal e anormal; superior e inferior; vitorioso e fracassado, além de muitas outras dicotomias excludentes.

E não é só isso. Todo conteúdo escolar que me transmitiram no chamado hoje fundamental só fez sentido em minha vida no período pós-professor de História, em pleno colegial, como era conhecido na época. Enfim, todo meu trajeto foi atravessado pela inclusão de mim mesmo no que está aí até hoje. Até meu jeito calado de ser dificultou uma articulação maior com a sociedade e, portanto, gerou limites em mim, desde dificuldades no mercado de trabalho até em conquistar amigos.

E dizem que pessoas com a Síndrome de Down só terão amizades com seus supostos iguais, isso diante do mito de que todos eles são realmente iguais. Se isso for verdade, quem são os meus iguais? E o que é ser igual e diferente no mundo de hoje? Eu sou igual a quem e diferente em relação a quem? São essas e muitas outras questões que me instigaram a escrever esse memorial. A sociedade nos diz: ou você é igual a um modelo de vida e de comportamento visto como ideal ou é diferente e está à margem dele.

Esse memorial, portanto, não é sobre o Thiago e a Síndrome de Down. É sobre um pai que tem uma esposa e dois filhos especiais. Enfim, é um livro sobre pessoas com suas diferenças e particularidades. A minha própria vida, nesse sentido, gira em torno do possível rompimento com a dicotomia excludente, tão em moda nos dias de hoje, que separa as pessoas em vitoriosas e derrotadas. Portanto, esse livro não é apenas sobre a inclusão das chamadas pessoas com deficiência intelectual e sim a inclusão de todos nós. Como lidar com todos os fluxos externos que nos afetam cotidianamente e supostamente nada tem a ver com nossas vidas particulares?

INCLUSÃO NÃO ADEQUATIVA

Como pensar na inclusão em uma sociedade que exige, a todo instante, a entrada de nossas crianças, o mais depressa possível, em um ritmo frenético de vida que já faz parte de nossa realidade enquanto adultos. Em um contexto, no qual o outro, supostamente menos veloz, tende a ir ficando para trás. Ainda mais se formos pensar que, para muitos, inclusão é justamente isso. O estar constantemente correndo atrás do mito da normalidade.

Como falar então de uma inclusão de mão dupla, quando muitos pais dos ditos normais dizem: *corram cada vez mais e não olhem para trás, sejam os melhores*, ensinando a seus filhos a escolherem como amigos os seus supostos iguais. *Ah! Aquele lá não igual a você. Ele é diferente e não acompanha o seu ritmo.* Essa é a subjetividade que produzimos a todo instante, mesmo que inconscientemente.

Com tudo isso, a presença do Thiago me forçou a pensar, sentir e refletir sobre uma realidade que, muitas vezes, não é visível aos nossos olhos. Muitas vezes, a dificuldade dele se expressar tem gerado no outro o desinteresse por conhecê-lo melhor e, quem sabe, ter sido bloqueado, naquele instante de segundo, o surgimento de uma nova amizade, não mais a partir do amor ao mesmo, ao suposto igual, mas no encontro entre diferenças, no amor ao que é diferente de mim.

É a partir de todo esse contexto que convido então você a embarcar nessa viagem reflexiva, partindo do pressuposto de que a qualidade da inclusão passa necessariamente não só pelo respeito e a aceitação da diferença como também e,

principalmente, pela idéia de que as denominadas pessoas com deficiência podem ter uma vida digna com autonomia, ou seja, devem ser incluídas no social não como alguém limitado e incapaz, lutando para se adequar a um mundo supostamente superior e não limitado.

Na prática, esse memorial não é apenas o resultado, jamais definitivo, desses anos de prática educacional e reflexões teóricas. Ele é mais do que isso. É reflexo de minha experiência como pai e pessoa. Relembrando o meu professor de História, busco construir no Thiago o desejo pelo conhecimento, ou melhor, pelo autoconhecimento, fazendo com que os conteúdos apresentados a ele na escola tenham sentido para a sua vida, tenha um significado real em sua existência e também na de sua irmã Joyce.

O PROJETO EM SI

O projeto em si, apresentado para a ANE 3, pretende iniciar um diálogo com alguns dos principais conceitos elaborados por dois pensadores que considero dos mais importantes para que possamos compreender os dias de hoje. São os pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari². Podemos chamá-los de pensadores de uma forma abstrata porque eles ultrapassaram em seus percursos acadêmicos as suas formações originais, se transformando no que é chamado de pensamento da diferença ou da multiplicidade.

Deleuze e Guattari navegaram pela filosofia, política, psicanálise e mesmo pedagogia, entre outras muitas linhas do saber, sem estarem presos a nenhuma delas. Eles debateram intensamente sobre novas formas de conceber o que é ser igual e diferente na sociedade contemporânea ou como nos relacionamos com aquele que nós ainda rotulamos negativamente como outro. A pergunta é: quem é esse outro e qual são os efeitos dele em cada um de nós?

Priorizei ainda, entre outros pensadores, o filósofo francês Michel Foucault, que buscou analisar o que ele chamou de sociedade disciplinar entre pelo menos o século XVII até meados do XX (mas que ainda prevalece sob muitos aspectos nos

² Conheci Félix Guattari pessoalmente em sua última visita ao Brasil (1992). De lá para cá, jamais deixei de me interessar pelo que eles nos deixaram. Thiago nasceu em 1997. Portanto, o efeito desse momento se conectou a alguns conceitos importantes elaborados por eles e me lançou para novas possibilidades de vida e de criação.

dias atuais). Esse período histórico, mais conhecido como modernidade, institucionalizou a fragmentação dos seres humanos em normais/anormais; superiores/inferiores; inteligentes/ignorantes, entre outras dicotomias estigmatizantes e excludentes.

Complemento essa parte com o que considero o pensador da diferença brasileiro, que é o sempre atual Paulo Freire. Busco nele uma possível conexão da ainda chamada inclusão com o que podemos chamar de processo inclusivo dialógico. É meu desejo ainda iniciar algumas reflexões sobre as questões do tempo e da memória. O que é o tempo para a pessoa com a Síndrome de Down, ou melhor, para qualquer pessoa? Qual é a importância de investir positivamente em sua vida para buscar garantir um futuro de autonomia e de criatividade?

Procuro também desenvolver uma breve síntese sobre o que pode ser afinal esse processo ainda denominado como educação inclusiva. Pretendo realizar uma rápida investida na história da filosofia, iniciando esse caminho com o filósofo grego Platão, pensador polêmico da chamada Antiguidade Clássica e amplamente discutido até os dias de hoje. Com isso, o objetivo é buscar demonstrar alguns fundamentos filosóficos que explicam por que o concebido negativamente como diferente foi sempre excluído do convívio social dito normal e não poucas vezes descrito como violento e, portanto, perigoso, o que justificou o seu isolamento e marginalização.

Dando continuidade ao que chamarei de cartografia existencial da inclusão, pretendo abordar o que se costuma chamar de Filosofia da Diferença, partindo do princípio de que inclusão social está intimamente ligada aos conceitos, desenvolvidos por Deleuze e Guattari, de singularidade e devir, ou seja, no encontro com o outro todos nós somos passíveis de transformações contínuas em nossos modos de ser, sendo cada um de nós único em nossas diferenças internas e externas. É isso que Deleuze e Guattari chamaram de devir-outro.

Deleuze e Guattari utilizaram o termo cartografia para designar a procura por transformações em formas de vida supostamente sedimentadas a partir dos afetos e desejos que circulam pelo social. O percurso cartográfico passa pelos territórios existenciais (percepções da realidade, costumes, carências, entre outras formas de vida), supostamente arraigados e fixados na existência de cada indivíduo, mas que podem estar a todo instante sendo desmanchados e reconstruídos.

Será que hoje, de uma forma bem mais sutil e mesmo imperceptível, nós não estamos reproduzindo exclusões do passado? Nessa perspectiva, pretendo demonstrar a seguinte hipótese: sem o rompimento dessa clássica separação das pessoas em dicotomias aparentemente contraditórias, tais como “iguais” e “diferentes” ou “nós” e “eles”, uma inclusão social e escolar, que vise a troca entre diferenças, tende a perder a sua força transformadora.

Se nós pensarmos, como a única possibilidade a ser alcançada, que inclusão social é transformar supostas diferenças em algo que podemos chamar de “mito da normalidade”, não olharemos as pessoas como realmente elas são. É a partir daí que buscarei, nesse momento de minha jornada, mostrar a distinção existente entre o que Deleuze e Guattari apontaram como mundo do possível e mundo virtual.

Pretendo, a partir dessa linha de raciocínio, polemizar uma concepção questionável de uma inserção parcial colocada muitas vezes em prática nos dias de hoje (mais uma vez com exceções importantes para serem debatidas), partindo do princípio de que a minha preocupação atual é com a inclusão no campo das diferenças humanas e não com a mera adequação, dos concebidos negativamente como “diferentes”, a uma suposta “normalidade” ou a um “seleto” mundo dos “iguais”.

O que está em jogo, trato dessa problemática na seqüência, é uma vital coexistência entre mundos distintos, sem que um eventual modelo ideal de existência venha a se sobrepujar sobre outras maneiras de olhar e compreender os fluxos e encontros inerentes à nossa realidade cotidiana, rompendo-se, dessa forma, com pensamentos estigmatizantes de que “anomalias” genéticas, como a Síndrome de Down, significam na prática limites e incapacidades aprioristicamente determinadas e intransponíveis no campo subjetivo e cognitivo.

Não se trata, portanto, de pensar em homogeneizações, mas em múltiplas e micros potencialidades de existência, tendo como princípio básico a idéia de que a chamada personalidade individual, de cada um de nós, tende a estar sempre sendo construída e reconstruída em função do que pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari chamaram de novas singularidades.

FORMATO ALTERNATIVO DE APRESENTAÇÃO

Como já frisei anteriormente, optei por embarcar nesse curso de especialização, mesmo já tendo mestrado e doutorado, justamente por ter sido afetado pelo viés inovador da ANE 3. Nesse sentido, optamos por escolher uma forma, também inovadora, de apresentar o projeto em si. Optamos então por uma ferramenta tecnológica chamada PADLET. Fica aqui então o convite para seguirem rumo a uma viagem, teórica e prática, pelo mundo das diferenças e da multiplicidade clicando no link que segue abaixo.

Ao entrar no PADLET, o leitor terá acesso automático a uma série de textos iniciais. Porém, além desses textos, ainda teremos links que serão chamados aqui de PLATÔS. Esse nome foi extraído do Livro "Mil Platôs", de Gilles Deleuze e Félix Guatarri. Mesmo sendo importante que o leitor passe por todos os platôs para compreender o projeto em sua totalidade, a proposta é que cada um deles tenha a sua vida própria, além de não existir uma sequência obrigatória para ser seguido.

Cada platô tem como objetivo aprofundar o que está escrito no texto principal. Porém, o leitor pode entrar em qualquer platô dependendo do seu interesse, além de não precisar necessariamente embarcar em todos eles em uma primeira leitura. Início então nossa caminhada pela Filosofia da Diferença com um texto, escrito logo após o nascimento de meu filho e publicado em ebook recentemente, no qual problematizo o efeito na maioria das famílias quando recebem a notícia de que o filho ideal não veio! (PLATÔ 1).

Só para citar alguns exemplos, é nessa perspectiva ainda que continuo nossa viagem com um depoimento relacionado a um momento singular e supostamente "só meu", em que percepções de estranheza e mesmo de insegurança tomaram conta de meu corpo quando, no momento do nascimento de meu filho Thiago, a enfermeira me chamou ao canto e, da pior maneira possível, relatou que ele havia nascido com algum tipo de "doença". E isso aconteceu no ano de 1997, quando o discurso da inclusão já estava em pleno vapor. Entramos, nesse contexto, nos primeiros passos em relação à Filosofia da Diferença e à Educação para a Potência (PLATO 2).

Também será utilizado como referência teórica e prática, o conceito de Educação Dialógica, do pensador e educador brasileiro Paulo Freire. Em linhas gerais, Paulo Freire nos traz o conceito de imperfectibilidade, em que todo o ser humano é sempre o devenir de si mesmo, além do que não é possível pensar em

inclusão de alguém supostamente fora. Todos os seres humanos estão dentro da sociedade. É ela que marginaliza e oprime. Portanto, quem tem que mudar é a sociedade e não o suposto ser da inclusão. (PLATO 3).

Em linhas gerais, portanto, é propósito desse trabalho se contrapor tanto à divisão do sistema de ensino em escolas regulares e especiais, até certa prática inclusiva que pressupõe a adequação do “diferente” a um modelo de ensino igual para todos os educandos. No âmbito da História, é importante frisar que, sobretudo após o final do século XVII, entramos no que o filósofo Michel Foucault nomeou como “sociedade disciplinar”, na obra “Vigiar e Punir”, período no qual o homem produziu supostas verdades absolutas do que é o bem e o mal; o certo e o errado; o perfeito e o imperfeito; o normal e o anormal, entre muitas outras dicotomias excludentes. (PLATO 4).

Diante de todas essas ponderações iniciais, deixo aqui algumas questões, trazidas pela Filosofia da Diferença, que estarão presentes no transcorrer do projeto:

- O que pode um corpo?
- Qual a sua potência?
- Como transformá-lo em um ser criativo, além de investir na possibilidade dele desejar aprender e a criar seu próprio processo de aprendizado, autônomo e singular? E o que é Educação para a Potência?
- Como e por que ela pode ser uma ferramenta primordial para criarmos alternativas para a educação? Essas e outras questões tentaram ser respondidas por esse trabalho de conclusão de curso.

Entre os platôs, que serão 30 no total, também teremos uma série de programas editados para o projeto, de minha autoria, intitulado como Canal Todos na Diferença pelo youtube. Trata-se de programas especiais com depoimentos e declamação de poesias dos participantes da Oficina da Palavra e da Escrita Criativa Todos na Diferença, em que buscamos mostrar o quanto é potente a palavra que nasce a partir de quem a escreve, além de depoimentos de pessoas que acompanham a oficina e dos próprios participantes.

Chegando ao final dessa minha caminhada, o leitor encontrará 10 edições da Revista Literária Todos na Diferença, com textos de diversos gêneros literários, sobretudo a poesia, escritos pelos próprios participantes da oficina de escrita criativa. Desejo então a todos e a todas uma ótima e instrutiva viagem pelo mundo

das diferenças humanas e da multiplicidade. Esperamos que aqueles que embarcaram nessa viagem, cheguem ao final deles diferentes de como entraram.

Boa leitura:

<https://padlet.com/gugadorea57/ANE3>

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henry. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- BUENO, José Geraldo Silveira. *Educação especial brasileira*: integração social do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 2004.
- DELEUZE, Gilles. "A Imagem-Tempo". São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Espinosa: *filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2000.
- _____. Foucault. Lisboa: ed. Veja, s/d.
- _____. Crítica e Clínica. São Paulo: ed. 34, 1997.
- _____. Bergsonismo. São Paulo: ed. 34, 1999.
- _____. Diferença e Repetição. São Paulo: Edições Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1, Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.
- _____. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *O Anti-Édipo*. Portugal: Assírio & Alvim, (s/d).
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. São Paulo: Diálogos, Escuta, 1998.
- DOREA, Guga. *Síndrome de Down*: entre a exclusão e a inclusão na lógica capitalista. *Revista Reichiana*, n. 12, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2003.
- _____. *A mídia e a inclusão social*: entre o possível e o virtual. *Revista Reichiana*, São Paulo, Instituto Sedes sapientiae, n. 13, 2004.
- ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: Ed. Abril, 1973.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. *Vigiar e Punir*, o nascimento da prisão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica, Cartografias do Desejo*, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993.
- _____. *Caosmose: um Novo Paradigma Estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- PACHECO, José, Fazer a Ponte, construir a memória. IN: MATOS, Rui Canário Filomena; TRINDADE, Rui (Orgs.). *Escola da Ponte*: defender a escola pública.
- PASSETTI, Edson. *Conversação Libertária com Paulo Freire*. São Paulo: Editora Imaginário, 1998.
- PLATÃO. *A República*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- _____. Pensamento, Corpo e Devir. Uma perspectiva Ético/Estético/Política no Trabalho Acadêmico, *Cadernos de Subjetividade*, v. 1, n. 2, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.